

TRAJETÓRIAS TRADUZIDAS: DESLOCAMENTOS TERRITORIAIS, CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PESSOAS LGBTQI+ MIGRANTES E REFUGIADAS

Iuri Assunção¹

Resumo: Esse texto investiga questões culturais relacionadas à migração, refúgio e exílio das dissidências sexuais e de gênero. O trabalho analisa as imbricações dos processos de deslocamento territorial e de deslocamento identitário vivenciados por pessoas LGBTQI+, identificando reciprocidades constitutivas presentes em ambas as dimensões. A partir das ideias de “estrangeiridade” e de tradução cultural, identificadas em processos migratórios e em deslocamentos internacionais, as dissidências sexuais e de gênero tem construído, nos locais de assentamento, novas narrativas e percepções para as relações de gênero e de sexualidade, enfatizando distintas possibilidades de subjetivação.

Palavras-chave: Migrações, Tradução Cultural, Gêneros, Sexualidades

Migrações contemporâneas e desdobramentos xenofóbicos

Dentre os problemas candentes do nosso tempo o tema dos deslocamentos humanos merece especial atenção. Na última década presenciamos a abrupta escalada dos fluxos migratórios decorrentes de crises políticas, econômicas e ambientais ao longo do globo. Tais acontecimentos desencadearam trânsitos geográficos de milhões de pessoas nesse período, obrigando famílias inteiras a deixarem seus territórios nacionais em busca de proteção e bem-viver, intensificando os fluxos migratórios especialmente na região do mar mediterrâneo e nas Américas.

Por outro lado, no último ano a crise sanitária mundial provocada pela pandemia de Covid-19 originou tempos drasticamente restritivos à mobilidade humana, em um cenário que, atravessado pelo racismo e xenofobia, intensificou a retórica anti-imigrante pautada por governos e partidos nacionalistas, conservadores e de extrema

¹ Doutorando pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCus), ambos vinculados ao IHAC/UFBA. iuriassuncao@gmail.com.

direita. Para além disso, as soluções oferecidas pelos governos nacionais para esse tema são insuficientes. Os instrumentos jurídicos, as respostas de curto-prazo e a falta de coordenação política não dão conta da complexidade dos atuais fluxos migratórios, vulnerabilizando ainda mais a delicada situação em que se encontram muitas pessoas migrantes e explicitando os limites dos sistemas internacionais de proteção.

Sobre a insuficiente resposta da União Europeia às demandas colocadas pelos atuais deslocamentos humanos direcionados ao continente europeu Oliveira, Peixoto e Góis (2017, p. 94) destacam que:

Os principais limites dos atuais sistemas de proteção internacional passam por não distinguirem o universo das migrações económicas e forçadas (incapacidade que resulta da complexidade da realidade e não apenas da fragilidade das leis), por se concentrarem nas respostas de curto prazo, não contemplando soluções de médio e longo prazos, por não preverem apoio, financeiro ou outro, a países recetores [sic], situados em zonas próximas dos conflitos (o que leva a que muitos refugiados deixem o país de primeiro asilo para procurar outro, assim se tornando migrantes comuns), por não oferecerem, ou não agilizarem, oportunidades de realojamento em países longe do conflito e por se basearem apenas nos pedidos efetuados diretamente no país de asilo

No contexto brasileiro, o aprofundamento do fluxo migratório no extremo norte tem demonstrado, por um lado, a precariedade das condições de vida de milhares de pessoas da Venezuela que chegaram ao Brasil em busca por trabalho e por acesso à serviços básicos como saúde. Por outro lado, ficou visível a insuficiente resposta do governo brasileiro às migrações venezuelana e a tentativa do estado de Roraima de dirimir a entrada de mais pessoas através da Ação Civil Originária 3121 buscando o controle policial e sanitário da fronteira terrestre com a Venezuela. Conforme apontam Milesi, Couvry e Rovey (2018, p. 65-66):

tem-se observado em Roraima um crescimento de expressões populares de discriminação e violência contra os imigrantes. De um lado, como se demonstrou, essas manifestações têm sido estimuladas por lideranças políticas locais, para quem a xenofobia pode representar uma forma de alienar a população em relação às causas estruturais dos diversos problemas que enfrentam os roraimenses. Assim, essa estratégia tende a ganhar ainda mais espaço à medida que se aproxima o período eleitoral. De outro, se esse discurso vem

funcionando e sendo tão amplamente adotado, pode ser indício de que ele está, de certo modo, alinhado com os anseios dos eleitores. Uma possível explicação para isso, é que a omissão das autoridades nos diversos níveis contribuiu para uma oneração excessiva da população, criando um terreno fértil para a emergência de expressões discriminatórias contra os imigrantes.

Os desdobramentos políticos de ações anti-imigrantistas podem ser exemplificados com a revogação da Lei de Migração e o retorno do paradigma da segurança nacional na política migratória brasileira no atual governo de Jair Bolsonaro, retomando a perspectiva da presença de pessoas estrangeiras no território enquanto uma ameaça à soberania nacional, nos moldes do Estatuto do Estrangeiro elaborado durante os anos do Regime Militar.

A “estrangeiridade” surge, portanto, como elemento que define as pessoas migrantes, envolvendo um tecido de relações que são entrecortados pela xenofobia, pelo racismo, pela “outridade” e pela tradução cultural. Nesse contexto, pessoas migrantes constroem contra narrativas da nação e do pertencimento. No presente trabalho busca-se compreender as especificidades de um grupo ainda mais vulnerável dentre as pessoas migrantes e refugiadas: as pessoas LGBTI+ vivendo deslocamentos territoriais e que, como consequência, passam também por processos de descolamento identitário.

Experiência migrante e tradução cultural

As pessoas migrantes são compreendidas como “O outro” da nação – o estrangeiro, aquele que não pertence à pátria e que, portanto, não compartilha dos mesmos direitos da população nascida no país. Assim sendo, a população LGBT migrante está inserida num contexto de diversas exclusões - uma vivência entrecortada pela xenofobia, pelo racismo e pela LGBTfobia – um grupo que é subalternizado dentro do próprio grupo de subalternos.

A diferença se conforma então como o referencial da estrangeiridade. Nesse sentido, Stuart Hall (2003) examina como apreender a identidade, o pertencimento e a diferença após a diáspora, evidenciando a tendência hibridizante dos movimentos migratórios. De acordo com o autor,

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o de fora [...] A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial a cultura. (HALL, 2003, p. 33)

A pessoa migrante busca, portanto, fazer sentido na constante tradução cultural que marca sua experiência. Consequentemente, parte do grupo de pessoas LGBTs migrantes fortalece os vínculos com seus compatriotas, enquanto outros se afastam desse grupo, pois acabam sofrendo com o preconceito e a violência no interior de suas comunidades - especialmente quando estas são originárias de países que detém legislações contra as relações entre pessoas do mesmo sexo.

Homi Bhabha (1998) nos leva a entender a experiência migrante a partir da ideia de dispersão e de reunião. Isto é, a dispersão de povos vivendo em outro tempo e território transforma-se em reunião. Uma reunião de migrantes, refugiados e exilados que vivem às margens de culturas estrangeiras, sob a influência da língua do outro, com a necessidade constante de traduzir-se, reunindo consigo signos de aprovação e aceitação (BHABHA, 1998, p. 198).

De acordo com Bhabha, a nação emerge como uma construção cultural que preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de povos e parentescos. Por sua vez, a nacionalidade se constitui como forma de viver a localidade da cultura. Assim, a nação se apresenta como medida de liminaridade da modernidade cultural, formada por fragmentos de invenções históricas arbitrárias. Portanto, migrantes são contranarrativas da nação, enquanto que migrantes LGBTs são contranarrativas da nação, do gênero e da sexualidade. Nesse sentido, Bhabha destaca que:

As contra-narrativas da nação que continuamente evocam e rasuram suas fronteiras totalizadoras – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais “comunidades imaginadas” recebem identidades essencialistas [...] as fronteiras que asseguram os limites coesos da nação ocidental podem facilmente transformam-se em uma liminaridade interna contenciosa, que oferece um lugar do qual se fala sobre – e se fala como – a minoria, o exilado, o marginal e o emergente. (BHABHA, 1998, p. 211)

Falar sobre e nomear o outro é exercer poder sobre ele. Migrantes são nomeados como tal no momento que chegam em um novo país e passam então a viver em uma nova sociedade marcados pela estrangeiridade da língua. A partir dessa relação as pessoas migrantes vão desenvolver, segundo Bhabha, a linguagem da tradução cultural, visando dar sentido a sua experiência em uma nova sociedade e dar conta da densidade do outro migrante vivendo na nação do um. A tradução cultural se comunica por “uma linguagem mais exaltada que a sua própria e, portanto, continua inadequada para o seu conteúdo, dominante e estrangeiro” (BHABHA, 1998, p. 230) buscando, assim, traduzir o intraduzível.

Deslocamentos territoriais e identitários

O deslocamento de pessoas através das fronteiras nacionais tem potencialidade para perturbar e transformar as noções estáticas de gênero e sexualidade. De acordo com Isadora Lins França (2017) os processos de migração e de reconhecimento da condição de refúgio provocam disjunções entre categorias e sujeitos, ou seja, os deslocamentos territoriais provocam, em alguma medida, deslocamentos identitários. Mediado por regimes de invisibilidade, o refúgio e a migração de pessoas LGBTI+ são marcados por processos de “produção de si” que articulam gênero, sexualidade e as narrativas sobre os contextos que desencadearam os deslocamentos. Segundo a autora:

explorar etnograficamente a articulação entre migrações/refúgio e sexualidade por meio de diferentes contextos nacionais pode oferecer enquadramentos, a um só tempo, parciais e abrangentes dessas complexas dinâmicas de produção de sujeitos e diferenças. Tento me aproximar das ambiguidades e disjunções de sistemas que supõem a proteção e ao mesmo tempo o controle e a criminalização de migrantes; e de como tais sistemas, articulados a gênero e sexualidade, operam como fonte de constrangimentos, mas também como terrenos para a agência para as pessoas que por eles se deslocam entre diferentes territórios e categorias. Em última instância, considero que, em diferentes níveis, é a própria sexualidade como dispositivo que se atualiza nesses processos (FRANÇA, 2017, p. 8).

Pessoas que passam a viver em outros países e territórios se sentem mais livres e permissivas para viver a sexualidade e a identidade de gênero em todas as suas possibilidades. Por outro lado, as dissidências esbarram na difícil inserção nas sociedades acolhedoras, resultando na vulnerabilidade social marcada pela crescente violência contra LGBTs migrantes nos países de assentamento e também pelos obstáculos no acesso aos direitos básicos, como saúde, educação, moradia, trabalho etc. Acerca desses deslocamentos identitários, González-Allende (2018, p. 2) nota que:

La emigración y el exilio se experimentan de diferente manera dependiendo del género y la sexualidad de la persona e, inversamente, que la identidad de género y la sexualidad de la persona pueden cambiar o modificarse como consecuencia de la emigración y el exilio. Como ha demostrado Judith Butler, el género se construye culturalmente, por lo que cuando un individuo vive en una cultura nueva, es común que se halle ante una concepción de género diferente. Tanto las identidades de género y sexualidades como las emigraciones y los exilios se asemejan en su fluidez y su dinámica relacional. Es decir, la concepción del género y la sexualidad del individuo son móviles y cambiantes, al igual que los desplazamientos territoriales.

González-Allende enfatiza que a migração é feminizada, tratada muitas vezes como fracasso, diante disso, homens gays e héteros exilados constroem novas masculinidades. Os migrantes embaraçam o conceito tradicional de masculinidade, em especial a determinação sexista de que o homem garanta o sustento financeiro da família. Assim, migrantes decorrentes de motivações econômicas ao não cumprir com essa imposição patriarcal reagem de distintas maneiras – alguns reforçam os papéis binários de gênero, performatizando uma hipermasculinidade, enquanto que outros constroem masculinidades alternativas, menos tóxicas e mediadas pela assunção de uma identidade subalterna de migrante. Segundo o autor as identidades imigrantes podem se alterar de distintas maneiras:

desde adoptar una actitud hipermasculina o “masculinidad de protesta”—expresiones exageradas de masculinidad para mostrar poder con el objetivo de contrarrestar sus sentimientos de impotencia en el exilio o la emigración—, o sufrir depresión y encerrarse en sí mismos, hasta adoptar una identidad de género más fluida y cambiar la estricta separación de los papeles de género que solían practicar en su nación de origen. En cualquiera de los casos se produce un cambio

o movimiento en su vivencia o concepcion de la masculinidad.
(GONZÁLEZ-ALLENDE, 2018, p. 5)

Se por um lado os deslocamentos internacionais permitem uma nova liberdade sexual, possibilitando novas formas de encontro e intimidade, por outro, há também nesse cenário os problemas consequentes da constituição de comunidades de imigrantes e refugiados. Muitas pessoas LGBTs que vivem em novos países com suas famílias ou em grupos de conterrâneos não querem perder o vínculo com sua comunidade e assim permanecem convivendo com os mesmos problemas e perseguições de seus países de origem, os forçando a reprimir sua sexualidade.

Entre los hombres desplazados que mantienen relaciones sexuales con otros hombres existe, por tanto, una diversidad de identidades sexuales posibles. Algunos deciden presentarse abiertamente como homosexuales, adoptando el modelo mas comun del pais de acogida, pero otros se siguen considerando heterosexuales aunque se sientan atraídos por los hombres de manera esporadica, otros separan completamente su vida homosexual de la heterosexual y otros deciden vivir su homosexualidad de manera mayormente publica, pero sin revelarla o hablar de ella con sus familiares. (GONZÁLEZ-ALLENDE, 2018, p. 18)

A partir de Dennys Cuche (2002) podemos entender como se conformam as identidades de pessoas que migram para outros países e passam a vivenciar outras culturas. Segundo o autor, no texto “A noção de cultura nas ciências sociais”, os deslocamentos territoriais produzem identidades multidimensionais, isto é, a natureza flutuante das identidades e das migrações resultam numa identidade sincrética, uma síntese das experiências identitárias de LGBTs migrantes e refugiados. De acordo com Cuche (2002, p. 193-194):

O indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais. O resultado é, então, uma identidade sincrética [...] Os encontros dos povos, as migrações internacionais multiplicaram estes fenômenos de identidade sincrética cujo resultado desafia as expectativas, sobretudo quando elas são baseadas em uma concepção exclusiva da identidade.

Os marcadores da sexualidade e da identidade de gênero quando entrecruzados com o racismo e a xenofobia resultam em processos potencializados de opressão e exclusão. Movimentos e organizações de apoio à migrantes – à exemplo da *Organization for Refugee, Asylum & Migration (ORAM)* – tem denunciado a crescente violência contra pessoas LGBT migrantes e refugiadas, problema que se agravou nos últimos anos diante da crise migratória na Europa. Há casos de agressões físicas e abusos sexuais contra LGBTs documentados em vários países europeus, sendo que parte dessas agressões foram cometidas nos abrigos por outros refugiados e, em menor número, por funcionários de segurança e tradução (ILGA, 2017).

Só na Alemanha, a organização *Lesbian and Gay Berlin-Brandenburg* relatou 106 casos de violência contra pessoas LGBTs em situação de refúgio entre os meses de agosto de 2015 e janeiro de 2016. Grande parte desses casos aconteceram nos próprios abrigos montados pelo governo alemão, sendo que em treze dessas ocorrências houve abuso sexual contra as vítimas (GRIESHABER; CORDER, 2016). Em decorrência desses casos de violência, a organização LGBT *Schwulenberatung Berlin*, em parceria com a prefeitura de Berlim, inaugurou, em fevereiro de 2016, um abrigo exclusivo para pessoas LGBT+ em situação de refúgio. Durante a inauguração do abrigo, Mahmoud Hassino, gay sírio refugiado, expôs como se dá a perseguição contra essa população, revelando que:

Nos grandes abrigos, os refugiados gays convivem com o medo constante. Mesmo que os gays não sejam atacados imediatamente, eles vivem com medo de serem identificados como gays, porque então serão atacados [...] Há pessoas que sofrem assédio verbal, outras físico, algumas são atacadas, sei inclusive de um caso de estupro [...] Muitos refugiados chegam fugindo de sua própria gente e quando são alojados em um albergue com cidadãos de sua mesma nacionalidade se sentem ameaçados.²

Nesse cenário, marcado pela fluidez das identidades em contraposição à rigidez das fronteiras, as pessoas LGBTs migrantes são construídas como “o Outro”, necessário para reafirmação da identidade nacional. Esse “outro”, portanto, é racializado e

² Depoimento disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/02/1742296-refugiados-e-migrantes-gays-sofrem-agressoes-em-abrigos-na-europa.shtml>. Acesso em 27/07/2019.

sexualizado. Em “Pensar Nagô”, Muniz Sodré destaca a influência do deslocamento territorial na construção desse “Outro”, que passa a ser visto enquanto um intruso habitando um novo território:

o Outro (o migrante, o diferente) é conotado como o intruso que ameaça dividir o lugar do Mesmo hegemônico. O Outro é aquele que supostamente "não conhece o seu lugar" - assim se expressa o senso comum discriminatório, isto é, aproxima-se demais, rompendo com a separação dos lugares em todas as configurações possíveis (ego, corpo, vizinhança etc.) e deste modo conspurcando a pureza pressuposta de uma hierarquia territorial. A aversão ao Outro se intensifica com o seu deslocamento territorial: O diferente (o negro, o índio etc.) está ali onde não deveria (SODRÉ, 2017, p. 93)

Na Holanda, a organização de proteção aos direitos humanos, *The College for Human Rights*, denunciou a ocorrência de violência sistemática contra lésbicas, gays e pessoas trans em um campo de refugiados com capacidade para abrigar cerca de três mil pessoas. Segundo a organização frequentemente LGBTs encontravam em seus leitos excremento ou recados como “morte aos gays” ou “não queremos gays no campo” (GRIESHABER; CORDER, 2016). Omar, um jovem gay sírio de vinte anos com *status* de refugiado na Holanda, relatou ao grupo *The College for Human Rights* que ele e outras pessoas receberam diversas ameaças de morte por outros refugiados em um abrigo na capital holandesa. Segundo Omar:

Chegar à Holanda, o país da liberdade de expressão, e ser perseguido por ser gay é uma loucura. É surpreendente que estas pessoas, após passar pelo que passaram, tenham sido capazes de me assediar por isso [...] Fui ameaçado de morte, disseram-me que eu era a vergonha dos refugiados, empurravam-me para o fim das filas. Tive a sorte de não sofrer agressões físicas³

As pessoas perseguidas por questões de sexualidade e identidade de gênero fogem de seus países para escapar da violência e de agressões levadas a cabo pela população de suas regiões ou por grupos organizados, entretanto, muitas vezes são obrigadas a conviver com essas as mesmas pessoas em abrigos para refugiados

³ Depoimento disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/sonho-de-viver-na-holanda-vira-pesadelo-para-refugiados-gays.html>. Acesso em 22/10/2019.

montados de forma improvisada, evidenciando mais uma vez a vulnerabilidade desse grupo e suas dificuldades no que tange a migração e a segurança pessoal.

Por fim, a permanência de violências contra as dissidências sexuais revela como heteronormatividade opera em todas as sociedades. A lógica de poder colonial, machista e heterossexista, determinada pela dominação e exploração produz subjetividades que afetam nossos conceitos de gênero e sexualidade, podendo ser verificadas globalmente, uma vez que as dissidências sexuais e de gênero, ainda que migrem para outros territórios e possam deslocar sua identidade, esbarram em processos correlatos de opressão, exclusão e violência.

Referências

BERNINI, Lorenzo. O tormento da humanidade: requerentes de asilo LGBT na Europa enfrentando os limites dos direitos humanos. Tradução Gustavo Bussmann Ferreira e Katya Kozicki. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, PR, Brasil, v. 63, n. 2, p. 217 - 228, ago. 2018.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. Tradução Guilherme Joao de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FRANCA, Isadora Lins. “Refugiados LGBTI”: direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 50, e17506, 2017

GRIESHABER, Kirsten; CORDER, Mike. **Refugiados e migrantes gays sofrem agressões em abrigos na Europa**. Folha de São Paulo. 23 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/02/1742296-refugiados-e-migrantes-gays-sofrem-agressoes-em-abrigos-na-europa.shtml>> Acesso em: 22/09/2019.

GONZÁLEZ-ALLENDE, Iker, **Hombres en movimiento**: Masculinidades españolas en los exilios y emigraciones, 1939–1999. Purdue University Press Book Previews. 2018

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

ILGA, International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association. **State-Sponsored Homophobia - A world survey of sexual orientation laws: criminalisation, protection and recognition**, 2017

MENDES, José Sacchetta; MENEZES, Fábio Bensabath. “Política migratória no Brasil de Jair Bolsonaro: ‘perigo estrangeiro’ e retorno à ideologia de segurança nacional” in: **Cadernos do CEAS**: Revista crítica de humanidades, n. 247, pp. 302-321, dez. 2019.

MILESI, Rosita; COURY, Paula; ROVERY, Julia. “Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual” in: Aedos. **Revista do PPG-História** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: v. 10, n. 22, p. 53-70, Ago./2018,

OLIVEIRA, Catarina Reis; PEIXOTO, João; GOIS, Pedro. A nova crise dos refugiados na Europa: o modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo , v. 34, n. 1, p. 73-98, Apr. 2017

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.